

Triunfos e Tragédias na África de hoje

Por Que o Nacionalismo Cresceu Tão Rapidamente?

Já nas décadas de 1930 e 1940, as sementes do nacionalismo africano estavam sendo lançadas por grupos de intelectuais que, na Europa e nos EUA, se agrupavam em torno de futuros chefes africanos, como Kwame Nkrumah, Jomo Kenyatta e, mais tarde, Amílcar Cabral e Agostinho Neto. Os seus países estavam sob o firme controle de potências coloniais, que governavam através dos chefes tribais. Nem os colonizadores nem os chefes locais tinham a intenção de partilhar o poder ou mesmo de proporcionar meios de emancipação dos africanos, através da educação elementar oferecida pelos missionários. Mas a situação alterou-se após 1945. Milhares de africanos que tinham servido nos exércitos britânicos e franceses e vividos em igualdade com soldados brancos já não podiam tolerar, no seu regresso, um estatuto inferior. O desenvolvimento mundial dos meios de comunicação acabou com o isolamento da África. A imprensa falada e escrita noticiava a independência da Índia, a derrota da França na Indochina, o levante na Argélia e a humilhação do poder colonial no Egito.

O exemplo de Gana

Na década de 1950, a Grã-Bretanha estava disposta a aceitar um processo gradual de autogoverno nas suas colônias da África Ocidental. Estes países eram desenvolvidos, tinham um estreito contato com a Europa há muitos séculos, contavam com pessoas educadas, capazes de governá-los, e, acima de tudo, não tinham problemas com os colonizadores brancos. Mas Londres encarava-os como casos excepcionais, desvinculados da África Oriental e Central. Como Macmillan admitira, a Grã-Bretanha havia subestimado o desenvolvimento dos meios de comunicação e o crescimento da consciência nacional africana. Ao se tornar independente em 1957, Gana passou a ser um exemplo desta mudança. A Grã-Bretanha e a França já não eram as grandes potências da década de 1930. Os EUA e a URSS eram anticolonialistas e os países africanos, como os seus congêneres árabes, perceberam que, se uma potência não os auxiliasse, a outra o faria. Em meados da década de 1960, a

Grã-Bretanha e a França verificaram que era mais útil apoiar os países africanos e reforçar os laços comerciais com suas ex-colônias.

Que Problemas os africanos precisavam enfrentar?

O primeiro grande problema que as nações africanas recém-independentes tiveram que enfrentar foi o de fazer funcionar um Estado moderno numa sociedade sem essas tradições. A própria configuração anterior das sociedades africanas dificultava a implantação de um sistema de governo que lhe era estranho.



A via da independência. Quando, em 1958, o general De Gaulle voltou a assumir o poder do país, a França começava a preparar o caminho para a independência das suas colônias africanas. A reeleição foi saudada com entusiasmo pelos cidadãos árabes da Argélia (acima à direita), mas os brancos reagiram mal e, em Argel, houve violentos conflitos entre estes e as autoridades francesas (acima à esquerda).



Da mesma forma que o governo indiano concluíra que não poderia simplesmente abolir o sistema de castas, os Estados africanos chegaram à conclusão que os partidos políticos deveriam se

dividir de acordo com as linhas tribais. Para manter a coesão das novas nações, muita dirigentes optaram pelo sistema de partido único, muitas vezes interpretado no Ocidente como ditadura. Outros dirigentes conseguiram formar governos equilibrados com a manutenção de algumas liberdades civis. Muitas economias tornaram-se vitalmente dependentes de um único produto de exportação. Porém, uma mudança no comércio mundial ou uma queda dos preços da mercadoria podiam minar por completo o plano económico de uma nação africana, como aconteceu com Zâmbia quando o preço do cobre caiu no mercado mundial. Efeitos deste gênero conduziram a uma grande polarização da riqueza e do poder. Uma pequena elite corrupta dominava o país, e a maioria da população sofria uma diminuição do nível de vida. Uma reação diante dessa situação comum era o exército assumir o poder para repor a ordem; isto aconteceu em Gana, Congo (atual Zaire), Nigéria e Uganda. Estas

medidas restauraram a ordem, mas os generais descobriram que não poderiam dirigir a economia dos seus países dentro de um regime militar e tiveram que aceitar, mais cedo ou mais tarde, uma forma de administração civil ou se tornarem ditadores. O colapso de alguns governos e guerras civis já havia acontecido na Etiópia, Congo, Nigéria e outros países. Mas apesar dos conflitos internos, erros e dificuldades econômicas, outras nações, como a Tanzânia, Zimbábue, Zâmbia e o Quênia tinham conseguido evitar as ameaças de dissolução das tribos e da ditadura militar.

Como os colonizadores reagiram à ventania?



A década de 1950 realçou a diferença entre os países africanos sem grandes populações de colonos brancos e os que as tinham - Rodésia do Sul, Quênia e Argélia. A África do Sul era um caso diferente, visto que os colonos holandeses tinham se fixado ali desde o século XVII. Em todos os casos, uma grande parte da população de colonos resistia às mudanças no sentido de um governo de maioria árabe ou africana. Na França, o impasse na Guerra da Argélia levou De Gaulle ao poder em 1958 e à independência imposta a uma população de origem europeia. A Grã-Bretanha concebeu formas de estabelecer a ascendência branca, mas sem êxito. No princípio da década de 1960, os seus territórios coloniais tinham-se tornado, na sua maioria, independente. Mas em 1965, o governo de Ian Smith, da Rodésia do Sul, cortou relações com a Grã-Bretanha, proibiu os movimentos políticos africanos e resistiu às sanções econômicas e lutas de guerrilha. Smith foi apoiado pela África do Sul e pelas colônias portuguesas de Angola e Moçambique. Contudo, em 1974, a ditadura de Marcelo Caetano foi deposta. Com a perda do apoio da África do Sul e com o colapso do governo colonial de Angola e Moçambique, a Rodésia ficou isolada. Em 1979, a Rodésia concordou com o cessar-fogo, eleições livres e uma constituição que introduziu o governo de maioria negra. O problema da África do Sul permaneceu. No início da década de 1990, com a libertação de Nelson Mandela e o reconhecimento do Congresso Nacional Africano, o governo da minoria branca finalmente aceitou o fim da apartheid e, depois da realização de eleições, foi formado um governo de maioria negra, sendo Mandela eleito presidente do país.



